

## CHORO CONVULSO \*

Hugo de Almeida Souza

PARA EDWIGES

«Eu poderia falar as línguas dos homens, e até a dos anjos, mas se não tivesse amor, as minhas palavras seriam como o barulho do gongo ou o som do sino. Poderia ter o dom de anunciar mensagens de Deus, ter todo o conhecimento, entender todos os segredos, e ter toda a fé necessária para tirar as montanhas dos seus lugares; mas se não tivesse amor, eu não seria nada. Poderia dar tudo o que tenho, e até entregar o meu corpo para ser queimado; mas se eu não tivesse amor, isso não me adiantaria nada».

(I Coríntios, 13, 1-3)

As palavras que ouço não compreendo com clareza, mas chegam-me como lamentos de um casal sofrendo em seu leito algum dia de prazeres, alegrias, sonhos e ilusões, sofrimento do qual — estou certo — também sou culpado, escuto sussurros, não para que eu não ouça, mas porque na cama sempre se fala baixo, e na madrugada quente as palavras soam rápidas, às vezes devagar, leves ou com peso que, durante o dia, com os naturais ruídos diurnos, não podemos medir, e esses lamentos de um casal em aflição vêm do quarto vizinho, vêm do leito de meus pais que desconhecem também o meu martírio, a minha luta — sinto e sei

---

\* Conto-título do nono livro do autor de *Globo da Morte*, Edição «Alternativa», Belo Horizonte, 1975.

que a dor não é física, como também a minha, mas algo bem mais forte, interior, inexplicável, que percebo do duelo de pedaços de frases talvez chorosas, e eu os escuto, agora, nessa noite de insônia solitária e sem qualquer apetite: leitura, mulher, poesia, sair andando nessa noite que não me lembro se tem estrelas, acordar meu irmão e conversar longamente com ele sobre os segredos que há pouco comecei a descobrir — não tenho qualquer apetite, quero mesmo é pensar que não ouço nada, que meus pais estão felizes, dormindo, que os seus numerosos filhos são, hoje, apenas razões para alegrias, que a casa cheia esbanja também felicidades, fartura de tudo e compreensão, contudo o que sinto é um vagaroso espedaçar interno do meu corpo, assim como se ele estivesse sendo triturado por dentro sem, no entanto, ferir a pele que o reveste, o que não me permitiria levantar, sinto a imobilidade de um corpo sem forças, sem músculos e ossos e, na multiplicação ou divisão de minhas vísceras, o meu coração ocupa todo o meu peito, porém de uma forma diferente quando há poucos anos, mesmo antes de ler Maiakovski, ele batia no meu peito inteiro, enorme, com força, de alegria, de felicidade, amor, sonhos?, como os dos meus pais?, sei agora que não, que os corpos sadios estão geralmente vivendo feito marionete em falsas mãos poderosas, na construção de outros templos, e nesta cama não tão estreita, que comportaria outra criatura além de mim, o que sinto é apenas isto: vontade de chorar — como se fosse a solução para a humanidade inteira —, não esse choro tímido que umideceu os meus olhos e molhou um dos travesseiros, queria mesmo era chorar, chorar alto, convulsivamente, para que me desafogasse a garganta e para que todos (inclusive as estrelas e principalmente eu) ouvissem, sentissem que as coisas não vão bem, está tudo **frau**, tudo **frau** mesmo, como dizia repetidas vezes ontem no ônibus uma adolescente excepcional, na lucidez sincera e espontânea de seu espírito, e naquele momento vi a chaga vermelha na mão esquerda do operário cansado e mal vestido, quando ele segurou com força, num reflexo de seus vinte e poucos anos, a barra horizontal para não cair na parada brusca do coletivo lotado, não é apenas a dor dos meus pais, que agora devem estar chorando juntos, na mesma cama em que, numa noite de alegrias, me conce-

beram e, em outras, a meus irmãos, não é somente o suplício deles, o tormento dos meus irmãos que estão dormindo, da minha família dividida e distante, não, não é essa, companheiro, a dor que sinto agora, penso até — com novas lágrimas a molhar as franhas limpas — que a minha dor é superior à deles todos, dos meus pais, da minha família, o meu martírio é mais amplo e cotidiano, infinito talvez: sofro por todas as criaturas — um dia alguém me disse isso, antes mesmo de eu próprio saber —, e do que posso distinguir do dialogar sussurrante e triste dos meus pais, os problemas que os fazem chorar e não dormir estão restritos aos de uma comunidade de algumas pessoas, de poucas pessoas — deles e de nós, seus filhos e netos —, quando, diariamente, vejo, penso e vivo também na fonte as dificuldades de uma população que não tem, por exemplo, a nossa casa com uma cama para, de noite, chorar, de uma população que não tem sequer um travesseiro onde enxugar as lágrimas, como deve ser o caso de um jovem lixeiro — um salário mínimo, mais vinte por cento de insalubridade —, que também vi ontem, ao descer do ônibus cheio, apanhando na cabine do caminhão dois pães de queijo certamente velhos — era meio-dia —, guardar um no bolso rasgado do macacão enegrecido, e com as mãos sujas segurar firme o outro e morder com apetite, isso após pegar, na casa lotérica, os volantes da semana, sim, companheiro, a minha dor é enorme, ela não fica somente aí, vai além, muito além disso daqui, de tudo isso, vai longe e o meu desejo é aquela eterna vontade — que já virou verso, ou lugar comum — de partir. Depois voltar, inteiro, para a luta.